

ARTE DO MOVIMENTO E EXPRESSÃO NÃO VERBAL NO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

Rogério Costa Migliorini¹

Resumo

Este trabalho discorre sobre a afinidade entre Arte do Movimento e expressão não verbal no diálogo inter-religioso, entendendo que esse diálogo, mais do que uma conversa verbal, é uma forma de entrar em relação com o próximo por meio de todos os recursos possíveis e imagináveis. Por conseguinte, acreditamos que, por meio de exercícios e vivências baseadas em trocas e relacionamentos não verbais intermediadas pelo movimento, seja plausível desenvolver a capacidade de enxergar, ouvir, tocar, bem como de se relacionar física, espacial, emocional e espiritualmente com o outro diferente, uma vez que pode esquecer todo o pensamento racional e argumentação lógica. Para embasar essa abordagem, associamos à força do movimento e a comunicação não verbal, reflexões de teólogos como Aloysius Pieris e Lieve Troch. Também recorremos aos pensamentos de Maurice Bejart e Rudolf Laban, o primeiro um coreógrafo francês que criou e dirigiu uma das maiores e mais importantes companhias de dança da atualidade, e o segundo, um artista e teórico do movimento morto em meados do século passado.

Palavras-chave: Ecumenismo. Religiões. Fronteiras. Relacionamentos. Artes performáticas.

O homem está só diante do incompreensível: angústia, medo, atração, mistério. As palavras de nada servem. Para que dar a isso nomes como Deus, Absoluto, Natureza, Acaso? O que é preciso é entrar em contato. O que o homem busca, para além da compreensão, é a comunicação. A dança nasce dessa necessidade de dizer o indizível, de conhecer o desconhecido, de estar em relação com o outro.

Maurice Béjart

O movimento é a experiência física mais elementar da vida humana. Não é apenas encontrado no movimento funcional e vital do pulso e em todo o corpo na tarefa de manter-se vivo, mas também na expressão de toda experiência emocional; e é nesse aspecto que reside o seu valor para o bailarino. O corpo é o espelho do pensamento. Quando nos assustamos o corpo reage com movimentos rápidos, curtos e intensos; quando envergonhados, o sangue vai para o rosto e coramos; se estamos abalados, o sangue

¹ Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, especialista em Arte-terapia pelo Instituto Sedes Sapientiae e graduado em dança pela Universidade Estadual de Campinas.

nos foge da face e empalidecemos; quando tristes, lágrimas chegam em nossos olhos e surge o que denominamos de “um nó na garganta”. Quando temos qualquer uma dessas experiências, os músculos contraem-se ou relaxam-se e todos os membros do corpo são afetados. Essas ilustrações são tão comuns que dispensam maiores comentários. O movimento físico é o primeiro efeito normal de qualquer experiência mental ou emocional.

John Martin

O que Cristo está sempre dizendo, o que ele nunca deixa de dizer, o que ele diz mil vezes e de mil formas diferentes, mas sempre com uma unidade central, é isto: “Eu sou o filho do meu pai, e vocês são os meus irmãos”. E o que nos une; o que faz dessa terra uma família, e todos os homens irmãos, portanto filhos de Deus; é o amor.

Thomas Wolfe

1 INTRODUÇÃO

Acredito que o termo “diálogo inter-religioso” surgiu porque a humanidade presenciou em larga extensão o seu contrário, a intolerância e a violência, ambas justificadas pelas religiões, cristãs ou não. Até hoje posições religiosas fundamentalistas dificultam ou mesmo impedem o diálogo entre nações ou pessoas de uma mesma família ou vizinhança.

Não obstante, com a globalização, uma situação religiosa pluralista deixa de ser uma opção e passa a ser uma realidade cotidiana. Nas palavras de Lieve Troch “para vivermos de verdade nessa realidade e não nos fecharmos em nós mesmos, temos de fazer um salto para o diálogo” (PIERIS, 2008, p. 12), sendo que o diálogo implica, no mínimo, na capacidade de ouvir verdadeiramente o outro.

Graças à minha formação básica em Arte do Movimento e, também, ao meu fascínio de uma vida toda pela expressão não verbal, quando reflito sobre a observação feita acima penso no trecho de autoria de Maurice Bejárt citado como epígrafe.

Ele é decorrente de uma experiência que o coreógrafo teve em viagem de férias a uma ilha do Mediterrâneo. Lá ele teve oportunidade de viver durante algumas semanas a vida de pescadores e assinala: quando, após o dia de trabalho, os homens se agrupavam e começavam a conversar, acabavam discutindo. Entretanto, quando, em vez de conversar começavam a dançar, celebravam a vida sem necessidade de palavras. Nessas ocasiões, ao contrário do que ocorria em

situações como a anterior quando reinava a incompreensão e o debate acalorado, imperavam a harmonia e a união (GARAUDY, 1973).

O relato dessa experiência sugere a importância do movimento e o fato de que, por vezes, ele é muito mais eficaz para a harmonia e união dos homens do que a palavra verbal. Tal ocorre, creio eu, porque ao ser capaz de prescindir de argumentações racionais, a interação intermediada pelo movimento possibilita um diálogo baseado em sentimentos e emoções, o que faz que essa troca ocorra de forma fluida.

Em outras palavras, esse tipo de intercâmbio permite que pessoas de religiões diferentes baixem suas defesas ao enxergar, ouvir, tocar, bem como se relacionar física, espacial, emocional e espiritualmente com o outro diferente. Em um segundo momento, o diálogo verbal até pode ocorrer mais tranquilamente, pois uma forma não substitui a outra, e ambas coexistem no ser humano.

Além disso, procuro seguir a abordagem das antigas civilizações que davam a justa importância à expressão não verbal e não separavam, como fazem as civilizações modernas, o verbal e racional do misterioso e inexprimível por palavras (AMARAL, 2003; GUERRA, 2007).

2 A ARTE DO MOVIMENTO E ALGUMAS DE SUAS APLICAÇÕES

O sistema de análise do movimento criado pelo húngaro Rudolph Laban (1879-1958), e introduzido no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial pela também húngara, Maria Duchenes, professora com a qual tive o privilégio de estudar por cinco anos. O sistema permite a descrição, o registro e a análise dos aspectos corporais, espaciais e dinâmicos do movimento, de forma que, uma vez observados, novas possibilidades de ação possam ser sugeridas. Esse método já foi utilizado no treinamento de atletas e empresários, bem como na interpretação de estilos de comunicação não verbal de políticos, religiosos e até no exame de comportamentos de animais como o dos golfinhos, ursos e lobos.

Na sua vertente denominada arte do movimento, o sistema pode ser aplicado a uma série de situações. A seguir veremos alguns dos empregos mais pertinentes aos objetivos deste artigo.

3 A ARTE DO MOVIMENTO APLICADA TERAPEUTICAMENTE

A arte do movimento fornece os meios para a organização do corpo, dos sentimentos, das emoções e dos pensamentos,

levando o indivíduo a relacionar suas atitudes internas com suas formas externas de movimento, aumentando seu vocabulário expressivo e dando-lhe capacidade para transformar suas ações em símbolos de emoção, através de padrões e ritmos ordenados (MIRANDA, 1980, p. 12).

Em outras palavras,

o movimento considerado até agora — pelo menos em nossa civilização — como um serviçal empregado para se atingir um propósito prático estranho a ele, veio à luz como uma força independente capaz de criar estados mentais frequentemente mais fortes que a vontade do homem (LABAN, 1975, p. 6).

Como para Laban, a ação por trás de TODAS as atividades humanas é o movimento, é lógico o autor assumir que mente e corpo se relacionam por meio dele. Portanto, o movimento permite a expansão e a modificação de padrões mentais que se tornaram ou se tornariam fixos e rígidos.

4 PALAVRA E AÇÃO

Levando em conta algumas raízes orientais e ocidentais do teatro, como o teatro Nô e a Commedia dell'arte, bem como o teatro contemporâneo, observamos que a arte do ator se funda mais na ação do que na verbalização propriamente dita. Sendo assim, para a Arte do Movimento não há grande diferença entre atores e bailarinos e pessoas comuns. Ela trata do movimento em sentido geral e sempre o relaciona à atitude interna do executante. A Arte do Movimento também se ocupa da forma pela qual o movimento é executado, uma vez que as diferenças visíveis no modo de fazê-lo lhe conferem características expressivas. Como exemplo, imagine um mesmo movimento sendo executado rápida ou lentamente.

Ora, então a dramaturgia contemporânea procura captar as intenções humanas sempre expressas por ações, visíveis ou não, e baseia-se na possibilidade de apreensão dos impulsos vitais e, portanto, do seu veículo maior de expressão que é o corpo que age. Daí que, para chegar a ele, bem como às ações físicas, é

preciso ao ator (ou à pessoa comum) entrar em contato consigo mesmo por meio do vazio, da calma e do silêncio. Ou seja, a introspecção se mostra necessária para que o contato com o seu/nosso interior resulte em uma ação externa. Além do mais, diz-se que as ações físicas ocorrem porque a musculatura “canta” e, como a alma se expressa corporalmente, o ator (nós) alcança(mos) a calma introspectiva, as ações físicas e, finalmente, a alma. Ou seja, ele, assim como nós, parte do corpo, do concreto e do profano para atingir o espírito, o transcendente e o sagrado (JANÔ, 1986; MARTIN, 2007).

5 ARTE DO MOVIMENTO, PAZ E RESOLUÇÃO DE CONFLITOS

Para ilustrar tal relação, refiro-me ao blog Embody Peace (Incorpore a paz). Trata-se de um centro internacional de recursos voltados para a paz, que também é um fórum em que profissionais, estudantes e o público em geral podem compartilhar uns com os outros com perguntas, ideias e experiências.

O blog do instituto existe desde fevereiro de 2007, e começou com a inspiração, conhecimentos e recursos de Martha Eddy.

Como parte de sua pesquisa de doutorado no Columbia University's Teachers College, Martha Eddy trabalhou por mais de uma década para reunir informações sobre pessoas e organizações com anos de experiência em educação somática, artes e assim como grande atividade na resolução de conflitos, na prevenção de violência, e na construção de comunidades em nível local ou internacional.

O blog foi iniciado com uma lista dessas organizações, e desde então tem recebido quaisquer mensagens ou links que incluem o entendimento de como percebemos nossos corpos e de que forma, por meio deles, interagimos uns com os outros. A Dra. Eddy considera que nosso estado físico afeta nossos sentimentos, nossos comportamentos, e nosso trabalho criativo no mundo. Além disso, reúne em seu blog relatos de abordagens físicas voltadas para a paz, resolução de conflitos e prevenção da violência e que são acessadas por meio das artes, dos esportes, da educação somática, da comunicação não verbal, e das ciências biológicas (EDDY, 2007).

6 TEATRO, CINEMA E COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL

Não obstante os exemplos práticos já dados sobre a relação da linguagem não verbal com a comunicação, tomo a liberdade de citar mais dois.

Lembro-me de que há alguns anos foi feita uma peça sobre um conto de Guimarães Rosa e um dos atores da montagem recebeu o prêmio por sua atuação pela Associação Paulista dos Críticos de Arte. O ator premiado foi justamente aquele que fazia o papel da cachorra Baleia e não falava nem uma só palavra durante a peça. Em vez disso, da mesma forma que uma cachorra, ele apenas se coçava, andava de quatro, se encolhia embaixo da mesa, e, por meio de ações corporais não verbais, demonstrava estados de alegria, medo e prontidão.

Outro exemplo mais recente é o filme estrelado por Tom Cruise, “O último Samurai”. O filme retrata um soldado americano que foi ao Japão pra liderar a luta do governo local contra rebeldes samurais. Apanhado, foi levado à vila em que os samurais viviam e ficou preso no lugar durante todo o inverno. Recluso ao local pela neve que abundava naquela região montanhosa, foi-lhe permitido andar livremente pelo vilarejo e se comunicar com o povo de seus captores. Entretanto, impossibilitados de se comunicarem pela palavra, o que permitia que se conhecessem, eram, por exemplo, os olhares, os gestos, as roupas, as ações e a arquitetura local. Enfim, foi o que viam no outro e o que deduziam a partir dessa observação dos elementos não verbais, que possibilitou aos inimigos originais o início de um relacionamento que, veio a se transformar em grande e respeitosa amizade. E é no reconhecimento do fato de que gestos e ações acabam por expressar mais do que aparentemente o fazem que, penso eu, reside a riqueza do filme.

7 SURDOS E COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL

Há cerca de quinze anos venho pensando na afinidade dos Surdos² com a arte do movimento. A esse respeito, minha indagação principal tem sido no que há

² A palavra “surdo(a)” me parecia pejorativa, porém as pessoas da comunidade surda indicam a sua condição “étnica” (um povo com uma língua distinta, com sensibilidade e cultura próprias) por meio de uma convenção na qual a Surdez com “s” maiúsculo é uma entidade linguística e cultural ao

de comum entre ouvintes e eles. É importante observar aqui, que ao pensar em pessoas surdas e movimento, não me fio no domínio da língua de sinais. Embora ela também seja formada por movimentos que ocorrem no espaço, os sinais da língua são rigidamente fixos e codificados como precisam ser para que possam embasar uma língua estruturada (REVISTA DA FENEIS, 1999; SACKS, 1988).

No entanto, visto que muitas vezes, os próprios familiares (pais, avós, irmão e outros parentes) marginalizam as pessoas surdas por falta de domínio e compreensão da língua de sinais, para romper as fronteiras da ilha de incomunicabilidade em que estão inseridas, elas se utilizam intensamente do movimento. Sua experiência é análoga àquela que nós, ouvintes, temos quando visitamos um país estrangeiro onde a comunicação verbal é impossibilitada por nosso desconhecimento total ou parcial da língua estrangeira.

Porém, a linguagem não verbal, ao contrário da língua de sinais, não é exclusiva aos surdos; pertence, isto sim, à humanidade em geral e também está presente na comunicação. Como estudioso do movimento humano, reconheço que os surdos, principalmente os de nascença, lançam mão dela maravilhosamente bem e observá-los, portanto, torna-se um rico aprendizado.

Sendo assim, meu interesse real é pela grande experiência que as pessoas surdas têm de lidar com a linguagem não verbal e a possível extrapolação disso para outros grupos, assim como para situações plausíveis de comunicação por meio do movimento.

Particularmente, creio que esse modo de comunicar é fundamental inclusive no nosso dia a dia, e que o conteúdo daquilo que está além das palavras é muito vasto; basta recorreremos à nossa experiência de vida para percebermos isso. Igualmente, como metáforas e símbolos não verbais são largamente empregados nas diferentes religiões, há meu ver, um emprego maior deste tipo de linguagem nas questões a elas relacionadas seria plenamente justificável.

8 TRANSGRESSÃO DE FRONTEIRAS E COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL

Em seu artigo “Exercícios em maravilhar-se: fronteiras e transgressões de fronteiras na teologia feminista”, a teóloga Lieve Troch fala das áreas fronteiriças, da terra de ninguém e do prazer que sentia quando ia à praia, em sua infância. Nessas ocasiões, gostava de “ficar horas a fio na linha do fluxo da maré, na fronteira onde a água e a terra se encontram” (TROCH, 2007, p. 50). Em seguida afirma que essa “é uma fronteira que está em constante movimento e que cria cada dia uma outra, uma nova, [uma] terra de ninguém” (TROCH, 2007, p. 50). Isso ocorre por causa do deslocamento das fronteiras da água e da terra, “e ambas ganham sempre de novo um pedaço da outra, delineando e interligando novas fronteiras” (TROCH, 2007, p. 50). Para autora, seguir a linha do fluxo da maré é o mesmo que descobrir “o espaço vazio entre dois lugares diferentes, o terceiro país, e caminhar em dois mundos” (TROCH, 2007, p. 50). Esse lugar “tem um rosto diferente da terra e da água” (TROCH, 2007, p. 50). Ela conclui dizendo que

quem anda horas a fio na linha do fluxo da maré, ao lado da água que está em constante movimento, e a terra que muda sempre de novo, faz frequentemente também a experiência de que, aqui, o próprio ser pode, sempre de novo, se recolher e depois enfrentar com mais facilidade transformações (TROCH, 2007, p. 50).

Também se refere ao exemplo da dança, dizendo que nesse jogo os parceiros se encontram no ato de brincar com espaço entre eles e com o ritmo, em um “equilíbrio que precisa ser definido sempre de novo. [Em constantemente mutação, trata-se de] um espaço do meio onde se experimenta a relação, e no qual é possível cair” (TROCH, 2007, p. 51). A autora prossegue dizendo que, algumas vezes os dançarinos podem ter a impressão de que o próprio espaço se move, pois a dança o transforma constantemente. Assim, eles “brincam com o espaço do meio, e dentro dele”.

Contudo, Troch igualmente se refere à existência de fronteiras rígidas que precisam ser flexibilizadas para que os sujeitos desse diálogo estabeleçam uma relação igualitária entre si. O diálogo pressupõe um encontro em um espaço intermediário, um terceiro país, que pode até não existir fisicamente. Sua criação, portanto, depende da vontade e disposição de cada um, sendo que em seu território, olhar e ouvir verdadeiramente o outro é a palavra de ordem.

Assim, o diálogo inter-religioso é uma espécie da dança. Por essa razão, cremos que não haja nada melhor para promover tal diálogo do que a dança em si, ou melhor dizendo, do que uma modalidade que estuda o movimento e cujo objetivo seja a expansão de fronteiras.

Em outras palavras, em ocasiões específicas, a Arte do Movimento vê os paços fixos de uma dança como fronteira enrijecida. Também acredita que o nosso vocabulário de movimentos se torna restrito ao longo da vida por causa da socialização, educação, estilo de vida e trabalho a que nós, homens e mulheres, somos submetidos ou submetemo-nos espontaneamente.

A Arte do Movimento tem, então, por objetivo ampliar esse vocabulário, e uma das maneiras de alcançá-lo, é levar o indivíduo a experimentar o mais vasto repertório de movimentos possível, sejam danças específicas, atividades esportivas, ou ainda experiências variadas com o movimento. Por causa da associação entre mente e expressão pelo movimento, amplia e transforma, por meio desse caminho, padrões mentais que se tornaram ou se tornariam fixos e rígidos.

Logo, se a ênfase na questão não verbal permite pensar em ações que validem a “palavra” (não necessariamente verbal) de pessoas comuns, (marginalizadas e/ou provenientes de *backgrounds* culturais, éticos e linguísticos diversos), o que dizer de sua aplicação no diálogo inter-religioso? Reiteramos que essa abordagem

- a) favorece o contato das pessoas envolvidas com suas emoções e sentimentos lhes dá meios de elaborá-los;
- b) propicia a organização concreta desses sentimentos, emoções e pensamento;
- c) auxilia no desenvolvimento da identidade grupal e individual, ou seja, em um processo necessário ao diálogo ecumênico;
- d) aumenta a autoestima e fortalece pessoas enfraquecidas e marginalizadas, e finalmente, lança mão, de forma positiva, da diferença e da capacidade do outro e de si mesmo, levando as pessoas envolvidas a se conscientizarem das vantagens expressivas, e por conseguinte, existenciais, de toda e qualquer diferença, inclusive religiosa.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A minha experiência sobre o poder de comunicação e de integração do movimento foi bastante diversa que a de Maurice Béjart. Esse poder ficou evidente para mim há mais ou menos quinze anos, quando uma amiga me mostrou o vídeo de um grupo de dança de bailarinos surdos estadunidenses.

Fazia-se notar a nós, ouvintes, o respeito que os integrantes do grupo tinham pelo movimento e pelo corpo do companheiro de palco. Penso eu, que era porque para eles o movimento representava uma possibilidade de contato, organização e expressão de algo impossível de ser abarcado de forma racional e também porque era um fator de comunicação importante, um modo de se chegar ao outro, fosse ele surdo ou ouvinte.

Devido a várias experiências, as pessoas surdas estão cansadas de saber que o movimento e a expressão corporal possibilitam a comunicação e que compartilhar verdadeiramente não é só falar de algo superficial, mas de algo que emana da profundidade da alma.

Graças ao movimento, é possível comunicar conteúdos que não encontram expressão exata nas palavras como, por exemplo, as experiências com o numinoso³, que não pertencem ao âmbito racional. Quando a comunicação se processa em um nível emocional e afetivo, penso que não necessita — ou melhor, que não deve — ser intermediada por qualquer língua ou por qualquer palavra. Nesses casos ela se processa de pessoa para pessoa, de coração para coração, e nada do que normalmente divide as pessoas, importa verdadeiramente.

É igualmente essencial a esse tipo de comunicação usar a expressão facial e a do corpo. Esses elementos também são movimentos, e como tal, “espelhos da alma” (MIGLIORINI, 2000). Eles falam de forma direta de uma realidade, de um sentimento ou de uma emoção complexa. Não raro, vão mais além do que qualquer palavra ou expressão racional.

Será que é preciso que fiquemos impedidos de nos comunicar verbalmente para entender o poder do movimento para um diálogo real? Seremos como maioria

³ Segundo Rudolf Otto (1869-1927), o sentimento único vivido na experiência religiosa, a experiência do sagrado, em que se confundem a fascinação, o terror e o aniquilamento. No meu ponto de vista essa experiência é muito complexa para ser expressa racionalmente. Nesse sentido, penso que as metáforas não verbais, dentre elas o movimento, são mais adequadas para sua expressão e comunicação.

ouvinte que, paradoxalmente, faz ouvidos moucos às palavras dos nossos irmãos surdos?

Para tanto, em vez de falar, pensar e discutir dogmas, talvez, como os sábios pescadores mediterrâneos, devêssemos dançar para sermos capazes de experimentar uma verdadeira união que não logramos alcançar do alto da nossa grande virtude e erudição.

Quiçá por meio da dança lográssemos nos sentir parte do divino e capazes de dizer, não necessariamente com palavras, a quem estivesse ao nosso lado: o Deus que há em mim saúda o Deus que há em você. Namastê.

ART OF MOVEMENT AND NON-VERBAL EXPRESSION IN THE INTER-RELIGIOUS DIALOGUE

Abstract

This paper is about the relationship between Art of the Movement and non-verbal expression in the inter-religious dialogue. Beyond verbal conversation, it considers dialogue a way of getting in relation with others through any conceivable means. Thus, we believe that through non-verbal exchanges in movement based workshops, one can develop ability such as to look at, listen to, touch, and relate to another person physically, spatially, affectively and spiritually, since they can forget all about reasoning and logical argumentation. To base this approach, we link to the integrative power of movement and non-verbal communication, the thoughts of theologians such as Aloysius Pieris and Lieve Troch. We also recur to Maurice Béjart and Rudolf Laban's thoughts; the former, a French choreographer that created and direct one of the most important dance companies of the day, and the later an artist as well as a theorist of the movement that died in the middle of last century.

Keywords: Ecumenism. Religions. Frontiers. Relationships. Performing arts.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Leila. Maurice Leenhardt: antropologia e missão. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.) **Sociologia e religião: enfoques teóricos**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BALDWIN, Stephen C. **Pictures in the air: the story of the National Theatre of the Deaf**. Washington, DC: Gallaudet University Press, 1993.

BATERNIEFF, Irmingard. **Coping with the environment**. New York & London: Routledge, 2002.

BÉJART, Maurice. Prefácio. *In*: GARAUDY, Roger. **Dançar a vida**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981.

BONDER, Nilton. **Tirando os sapatos**: o caminho de Abrão, um caminho para o outro. São Paulo: Rocco, 2008.

BRANDÃO, Eli. ...E o divino se faz verbo: conjunções entre símbolo e metáfora. *In*: **Estudos de Religião**. São Bernardo do Campo: Metodista, ano XXI, n. 29, dez. 2005.

CANCLINE, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

COELHO, Paulo. **O teatro na educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978.

EDDY, Martha. **Embody Peace** (blog), 2007.

Disponível em: <<http://embodypeace.wordpress.com>>. Acesso em: 23 jan. 2013.

FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS (Ed). Libras: como anda a regulamentação. *In*: **Revista da FENEIS**. Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, jul./set. 1999.

GUERRA, Maria Helena R. Mandacarú. Espírito da terra: a religiosidade popular da América Latina. *In*: **Jung & Corpo**. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, ano VII, n. 7, 2007.

JANÔ, Antonio Januzelli. **A aprendizagem do ator**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

LABAN, Rudolf. **Modern educational dance**. 3. ed. London: Macdonald & Evans, 1975.

LABORIT, Emmanuelle. **O vôo da gaivota**. São Paulo: Editora Best Seller, 1994.

MADURO, Otto. Fazer teologia para fazer possível um mundo diferente: um convite autocrítico latino-americano. *In*: **Estudos de Religião**. São Bernardo do Campo: Metodista, ano XXI, n. 29, dez. 2005.

MARTIN, John. A dança moderna. Tradução de: Rogério Costa Migliorini. *In*: **Proposições**. Campinas: FE – UNICAMP, v. 18, n. 1(52), p. 233-259, jan./abr. 2007.

MIGLIORNI, Rogério Costa. Espelho da alma. **Revista da FENEIS** (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos). Rio de Janeiro, ano 2, n. 5, jan./mar. 2000.

MIRANDA, Regina. **O movimento expressivo**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1980.

PIERIS, Aloysius. **Viver e arriscar**: estudos inter-religiosos comparativos a partir de uma perspectiva asiática. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2008.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Jay. **I am also you**. New York: Clarkson N. Potter, Inc/Publisher, 1977.

TROCH, Lieve (Org). **Passos com paixão**: uma teologia do dia a dia. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2007.

TROCH, Lieve. Espaços de sabedoria e graça? Educação Teológica para a transformação. In: **Estudos de Religião**. São Bernardo do Campo: Metodista, ano XXI, n. 29, dez. de 2005.